

REVISTA DE MÚSICA LITÚRGICA

Número 15 da SALICUS, brevemente disponível, dedicado ao Tempo Comum

Nos próximos dias será disponibilizado o 15.º número da SALICUS, dedicado ao Tempo Comum. O Tempo Comum é o tempo mais extenso do ano litúrgico, que abrange 34 semanas. Nesta edição da Revista de Música Litúrgica – SALICUS, continuamos com a publicação de mais três antífonas para a Apresentação dos dons, enriquecendo assim o nosso repertório para este momento da celebração. Que função tem o cântico de Apresentação dos Dons? Será preciso cantar sempre no momento da Apresentação dos Dons?

O canto de Apresentação dos Dons está colocado entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. É um momento menos intenso da celebração, pode haver como que uma espécie de «respiro» para toda a assembleia. Este instante pode ajudar a assembleia a interiorizar melhor a Palavra que escutou e meditou e prepará-la interiormente para a liturgia eucarística.

Não é preciso que o cântico da Apresentação dos Dons seja sempre cantado. Existem várias possibilidades para este momento. A primeira é fazer silêncio ou escutar o órgão a solo, muito suave, no sentido do repousar os nossos sentidos e nos preparar para o momento que se segue. As peças, a ser executadas, deverão ser apropriadas para não «incomodar» a tranquilidade e o espírito de oração da assembleia. Outra possibilidade é o canto. Os cânticos devem ser adequados ao momento que se está a viver. Podem ser



tratadas temáticas como a doação, a entrega ou alegria.

Deve-se prestar atenção aos textos que se cantam

Deve prestar-se atenção aos textos que se cantam. Podem ser cantados cânticos com o conteúdo da Palavra de Deus ou o que se está a viver no tempo litúrgico.

Este é um momento em que o coro pode cantar sozinho. Por exemplo, executar uma peça polifónica. Uma terceira forma é recitar os textos que acompanham a Apresentação dos Dons e a assembleia responde: «Bendito seja Deus para sempre». Isto não se deve fazer quando há música de fundo ou quando se está a cantar. Quando está a ser executada música instrumental ou canto, o celebrante principal fá-lo-á em voz baixa.

Uma nota a ter sempre em conta é que, qualquer uma das possibilidades não deve prolongar o

tempo destinado à Apresentação dos Dons. O coro ou organista devem estar atentos ao presidente principal para que a celebração decorra bem, no seu ritmo próprio.

Esta edição publica antífonas para o V, VI e VII domingos

Neste sentido, para este número 15, dando continuidade à temática das antífonas para a Apresentação dos Dons, a revista SALICUS publica as antífonas para o V, VI e VII domingo do Tempo Comum.

Para o V domingo do Tempo Comum, publica a antífona: «Firmai os meus passos», composta por Rui Paulo Teixeira, a partir do Sl. 16, 5-7, na qual o próprio autor sugere várias alternativas de interpretação.

A versão A, para órgão e coro a 4 vozes, com um prelúdio para órgão, ajudando a assembleia a fazer a passagem da mesa da Palavra para a mesa da Eucaristia, introduzin-

do a assembleia para o momento que se sucede; depois entram o soprano e o alto em uníssono: «Bendito sejas, Senhor».

De seguida, entram o tenor e o baixo em uníssono com uma outra voz acompanhando com assembleia o soprano e o alto que repetem a melodia inicial. Depois todo o coro canta um pequeno solo com a parte final do texto e conclui a quatro vozes mistas com a primeira frase, sempre acompanhado pelo órgão e, no fim, termina com um pequeno postludium para órgão em jeito de conclusão. É para um coro que disponha de menores recursos.

A versão B, para órgão e coro a 4 vozes, inicia também com uma pequena introdução para órgão contemplativa, de-

”

Para o V domingo do Tempo Comum, publica a antífona: «Firmai os meus passos», composta por Rui Paulo Teixeira, a partir do Sl. 16, 5-7.

pois entram o soprano e o alto em uníssono: «Bendito sejas, Senhor»; em seguida o entra o tenor em uníssono com uma outra voz acompanhando com assembleia o soprano e o alto que repetem a melodia inicial. Depois começa o tenor um solo. Logo a seguir entra o alto com outra voz e depois o soprano com outra voz, por

fim entra o baixo.

No final, o coro conclui a quatro vozes mistas com a primeira frase, sempre acompanhado pelo órgão e, por último, termina com um pequeno postludium para órgão em jeito de conclusão. É para um coro que disponha de mais recursos.

Música Litúrgica pós-Conciliar

Como «artigo», na presente edição, continuamos a apresentar «A Música Litúrgica pós-Conciliar – Uma aproximação à Diocese da Guarda», uma reflexão de Francisco Coimbra. Na apresentação o autor «procura analisar e compreender a atividade musical do Padre José Joaquim Pinto Geada e do Padre António José de Oliveira Moraes, ambos do presbitério da Guarda, vincadamente marcados pelas tendências do neomodalismo, próprias do diálogo com as formas musicais da contemporaneidade».

Desta vez, publicamos o III capítulo onde o autor faz uma análise de obras do Padre José Geada e do Padre António Moraes.

Francisco Coimbra conclui que «as composições de ambos, além de traduzirem um profundo conhecimento musical, uma adequação real aos cânones musicais vigentes na Igreja e uma clara elevação espiritual, traduzem esse desejo, insaciável, de contribuir para reconstrução da Catedral, para a reconstrução da Liturgia terrestre, que no tempo presente, nada mais é do que o espelho da Liturgia celeste».

O Diretor
Juvenal Dinis